

“A abundância de informação está relacionada a uma reconstituição dos laços sociais, ou seja, está relacionada ao que esperamos dos outros e de nós mesmos em relação à informação” - entrevista com Pablo J. Boczkowski

Ivan Bomfim¹
Adrielle Silva²

Professor do Departamento de Estudos em Comunicação da *Northwestern University*, Estados Unidos, o argentino Pablo J. Boczkowski aborda diversas dinâmicas da cultura digital em perspectiva comparativa. Com o conceito de “oxigênio digital”, ele considera que todos estamos imersos em uma ambiência conformada estruturalmente pela digitalização das tecnologias de comunicação e informação. Fundador e diretor do *Center for Latinx Digital Media* e co-fundador e co-diretor do *Center for the Study of Media and Society* na Argentina (MESO), Boczkowski é autor de seis livros — três publicados em 2021: *Abundance: On the Experience of Living in a World of Information Plenty*, *The Digital Environment: How We Live, Learn, Work, and Play Now* (com Eugenia Mitchelstein) e *The Journalism Manifesto* (em conjunto com Barbie Zelizer e Chris Anderson).

Nesta entrevista, concedida via ligação por aplicativo de mensagens, ele explica algumas das temáticas discutidas em seus trabalhos. A partir da compreensão interdisciplinar acerca do contemporâneo, Boczkowski indica que o impacto do digital demanda a formação de novas formas de ver a realidade — e este processo abala a solidez de instituições como o próprio jornalismo.

RUC: *Professor, o senhor possui uma formação interdisciplinar, que impacta de forma significativa suas perspectivas de pesquisa. Poderia falar um pouco da sua trajetória?*

Pablo J. Boczkowski:

¹ Professor do Departamento de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); ivanbp@uepg.br

² Jornalista, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); adrie-lejose@hotmail.com

Me formei em psicologia na Universidade de Buenos Aires (UBA) e no final da licenciatura decidi fazer duas especializações em paralelo: entre 1990 e 1994 ingressei em uma residência de quatro anos em saúde mental na Universidade de Buenos Aires (UBA) e iniciei o doutorado em psicologia clínica na Universidade de Belgrano, também em Buenos Aires.

Durante o processo de realização da tese de doutorado, entrei em contato com os possíveis impactos das novas tecnologias nos relacionamentos sociais e tal temática me interessou tanto que decidi mudar de carreira e iniciar a minha formação em ciências sociais com foco em tecnologia e sociedade. Nesse sentido, ingressei no M.A e o PHD no programa do Departamento de Ciência e Estudos Tecnológicos da Cornell University, em Nova Iorque. Ao final deste percurso, tive uma nova surpresa: meu jornal argentino favorito, o Clarín, mergulhou no universo digital e me serviu de inspiração para investigar as transformações tecnológicas dos meios de comunicação, segmento em que me aprofundi ao longo do tempo.

RUC: *O senhor é coordenador do Center for LatinX Digital Media, um projeto muito interessante sobre as muitas formas de relação das comunidades latino-americanas com as mídias digitais, promovendo eventos e palestras com pesquisadores. Poderia explicar os objetivos do projeto e a utilização do termo “latinX”, que não é muito conhecido no Brasil?*

Pablo J. Boczkowski:

Sim, muito obrigado pelas calorosas palavras sobre o projeto. O conceito LatinX, em referência a latino/latina ou latina/latino, ou então o hispânico ou latino-americano, se vale na letra “X”, ao final, porque denota maior fluidez em questões de identidade de gênero na língua inglesa, considerando que o projeto em questão é elaborado na *Northwestern University*, nos Estados Unidos. Neste país, a propósito, o termo “LatinX” traz à tona a evolução do conceito de hispânico, já que a última expressão faz referência ao contexto espanhol e não latino-americano. Ademais, os estudos no *Center for Latinx Digital Media* surgem da seguinte observação: no contexto estadunidense, os estudos sobre os latinos costumam estar institucionalmente configurados de maneira separada, ou seja, na universidade em que trabalho, por exemplo, há um programa de estudos latinos e latinas e há um programa de latino-americanos e caribenhos.

Dessa maneira, com o *Center for Latinx Digital Media*, eu quis marcar um ponto de intersecção entre os estudos latinos, já que há 650 milhões de pessoas na América Latina e mais

de 30 milhões de latino-americanos ao redor do mundo. Aqui, é válido destacar que há muitas diferenças entre, por exemplo, pessoas de origem peruana que vivem no Japão, pessoas de origem mexicana que vivem nos Estados Unidos, pessoas brasileiras que vivem no Brasil e chilenos que vivem no Chile. No entanto, há alguns pontos em comum, como a linguagem e as questões históricas e culturais que, de alguma forma, conectam esses grupos.

Portanto, o que eu quis com o projeto LatinX foi explorar a possibilidade de identificar pontos de encontros entre os cidadãos latino-americanos de forma geral, principalmente através do poder dos meios de comunicação na manutenção de suas raízes. Em 1994, quando eu me mudei para os Estados Unidos, por exemplo, ia até a biblioteca da *Cornell University* para manter a conexão cultural com a Argentina, já que lá eu tinha acesso à edição impressa do jornal *La Nación*. Hoje, eu consigo escutar alguma rádio da Argentina através da mídia digital ou então entro em contato permanente com meus amigos e familiares via WhatsApp. Essa transformação ao longo dos anos evidencia que a diáspora, a migração, o movimento de deslocamento territorial que antes fazia com que certos vínculos através da informação fossem cortados, desse lugar a uma facilidade maior — com o avanço tecnológico — para explorar a união e a desunião, o contato e a falta de contato entre os povos.

De volta ao surgimento do *Center for Latinx Digital Media*, é interessante pontuar que este projeto nasceu há dois anos, em plena pandemia, o que fez com que ele fosse adaptado para o formato virtual. Basicamente, nestes primeiros anos, mantivemos um foco maior em eventos e pesquisas online, através de workshops, seminários disponíveis no YouTube e podcasts com entrevistas sobre carreiras. De forma geral, estamos ficando muito satisfeitos com os resultados, uma vez que mais de 1/4 dos países do mundo são representados por membros que se inscrevem em nossa organização e cada um de nossos seminários tem mais de cem visualizações, o que nos parece bastante dentro do ramo acadêmico.

RUC: *Em 2021, o senhor publicou a obra “Abundance: On the experience of living in a world of information plenty”, na qual analisa as consequências da oferta quase infindável de informações no mundo contemporâneo, com as relações sociais sendo reformuladas à luz dos processos de digitalização e comunicação/informação em ultravelocidade. O que podemos compreender dessa atual realidade forjada na abundância de sentidos trazida pela amplificação da informação?*

Pablo J. Boczkowski:

O livro *Abundance: On the experience of living in a world of information plenty* tenta compreender quais são as práticas, os significados e os estados emocionais ligados a esta noção de lidar com essa abundância de informações que nunca houve na história. O estudo, entretanto, não é feito sob uma perspectiva presentista, onde o presente é considerado o único período histórico relevante, mas sim sob uma perspectiva que prioriza o contexto histórico na Argentina, já que a maior parte das pesquisas sobre a cultura digital ocorre no chamado norte global e acabam por generalizar os resultados, aplicando-os para todas as outras regiões e ignorando as singularidades dos diferentes contextos existentes.

Assim, com foco na Argentina, procuro analisar a abundância de informação e, ao longo desta jornada, chego à noção de que, pelo menos neste contexto, tal fenômeno está ligado crucialmente ao fator “faixa etária” e em como a sociedade — guiada principalmente pelo fator “idade” — se estrutura com relação ao acesso aos dispositivos e conteúdos, sendo, portanto, muito mais dinâmica, incerta e instável se comparada a outras categorias que norteiam a sociedade, como a econômica, a social ou a de gênero.

Além disso, os estudos propiciaram uma segunda descoberta: a de que a abundância de informação está relacionada a uma reconstituição dos laços sociais, ou seja, está relacionada ao que esperamos dos outros e de nós mesmos em relação à informação, ao quanto estamos dispostos a compartilhar enquanto esperamos que os outros compartilhem, ao que esperamos das relações sociais, considerando o que significa ser uma pessoa e o que significa ser uma pessoa inserida na sociedade.

Por fim, a terceira conclusão que obtive com esta análise foi a de que vivemos em um contexto em que os fatos são desvalorizados e as ficções são aclamadas. Tal observação, inclusive, pode ser ilustrada em um fenômeno muito recorrente atualmente, onde, por um lado, vemos um interesse cada vez menor no consumo de informações de notícias, e por outro, o notável aumento no tempo gasto para consumir séries e filmes.

RUC: *O senhor afirma que, na contemporaneidade, os seres humanos respiram o “oxigênio digital”, pois esta dimensão passou a envolver a todos, em quase todas as sociedades do mundo. Como tal configuração impacta, na perspectiva da esfera pública, a dinâmica de institucionalização social do jornalismo constituída ao longo dos últimos séculos?*

Pablo J. Boczkowski:

É uma excelente pergunta mas talvez não poderíamos pensar nessa institucionalidade estabelecida nos últimos 100 anos, que é uma formação histórica relacionada, ao menos, com duas variáveis-chave: a primeira tem a ver com a infraestrutura tecnológica da época, que favorecia a comunicação de um para muitos e, ao longo do tempo, de um para um, mas não de muitos para muitos. Nesse contexto, os meios de comunicação de massa, inclusive os de transmissão de notícias, tinham uma espécie de monopólio ou oligopólio natural, o que significava que os anunciantes precisavam necessariamente passar pela mídia para divulgar seus produtos, o que dava à mídia a possibilidade de possuir um público essencialmente cativo e de subsidiar a cobertura jornalística em função dessa infraestrutura tecnológica.

A segunda variável, por sua vez, está relacionada à noção de que os meios de comunicação são um ator fundamental de intermediação entre outros atores coletivos, como os partidos políticos, o Estado, os grupos econômicos, as organizações da sociedade civil e a sociedade como um todo, dando-nos a ideia de que o jornalismo se posiciona como intermediador e se autolegitima nesse lugar de intermediação.

Re Mas, no geral, há uma série de teorias sociais sobre essa temática, sendo que todas elas são construções históricas, são acidentes históricos. Dessa forma, pensar que a mesma função jornalística pode continuar sendo cumprida é uma afirmação possível, mas talvez não muito provável, já que, de um lado, notamos que a infraestrutura tecnológica da sociedade contemporânea — a nível comunicacional — tem mudado radicalmente nos últimos anos; de outro lado, percebemos que esses atores coletivos que tinham uma solidez nos séculos passados, hoje são muito mais maleáveis e muito mais lábeis. Então, fingir que o jornalismo poderá continuar influenciando da mesma forma de antes, quando tudo muda ao seu redor, não me parece provável.

Referências

BOCZKOWSKI, P. **Abundance**: On the experience of living in a world of information plenty. New York: Oxford University Press, 2021.

BOCZKOWSKI, P.; MITCHELSTEIN, E. **The news gap**: When the information preferences of the media and the public diverge. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.